

CULTURA ESCOLAR E PRÁTICAS DE LEITURA: O PAPEL DA BIBLIOTECA NO COTIDIANO ESCOLAR

Rita de Cassia Brêda Mascarenhas Lima¹

Introdução

Os estudos sobre a contribuição da Biblioteca Escolar (BE) para a formação de leitores e como espaço mobilizador de práticas de letramentos socioculturais são crescentes nos últimos tempos. Essa demanda se ancora na necessidade de reconceptualização do papel que a BE vem assumindo nas práticas pedagógicas nas últimas décadas. Sendo a formação de leitores proficientes uma responsabilidade da escola ainda vista como uma das principais agências de letramento, carece, nos dias atuais, dar uma centralidade ao debate sobre os modos e as práticas de letramentos que tanto o espaço da sala de aula como a BE precisam assumir com vistas a ressignificar a aproximação dos jovens ao mundo da leitura e, mais especificamente, ao livro como objeto cultural.

Este estudo é um recorte da pesquisa de doutorado, em andamento, vinculada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia – FACED/UFBA. Trazemos para socializar as discussões acerca da concepção de BE que perpassa o cotidiano da escola na perspectiva dos professores e estudantes, bem como investigar qual o papel que a BE assume na cultura escolar e no processo de formação de leitores de alunos da rede pública estadual do município de Feira de Santana (BA).

A pesquisa, de abordagem qualitativa e inspiração etnográfica, utiliza como referencial teórico os estudiosos da História Cultural e da História da Leitura como Chartier (2001), Burke (2005), Hebrard (2009), Manguel (1997), Street (2014), Abreu (1999), Besnosik (2002), entre outros. Como método de coleta de dados as entrevistas narrativas, os grupos de discussão e o diário de campo. A necessidade de tematizar o papel da leitura e da literatura na formação de nossos alunos/leitores surge da inquietação não apenas de responder aos baixos índices e competências apresentadas por nossos jovens nos instrumentos oficiais de avaliação, mas, acima de tudo, por compreender que ao egressar das escolas, os jovens diminuem significativamente suas inserções nas práticas leitoras, fundamentalmente por construir, ainda no tempo formal de ensino, uma concepção de leitura sinônimo de obrigatoriedade escolar.

E assim, ao não estabelecer com a leitura uma experiência estética e uma relação de construção de sentido, essa tem sido substituída facilmente por outras práticas sociais como assistir TV, uso de mídias digitais, conversar com amigos etc., conforme a Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (2015) publicou recentemente. Sendo assim, é papel dos pesquisadores, e, prioritariamente dos educadores, refletirem sobre qual a concepção de leitura perpassa as nossas práticas cotidianas e qual o desafio a ser enfrentado para tornarmos as nossas escolas comunidades leitoras.

A cultura escolar e o desafio de formar leitores: retratando cenários

Discutir a formação de leitores pode, à princípio, parecer um tema esgotado, mas, nas dimensões continentais desse nosso país, ainda é significativo o número de pessoas que não acessam as práticas culturais de leitura. Portanto, não estou me referindo apenas ao acesso ao livro. No Brasil, segundo dados do Ministério da Cultura, ainda prevalecem muitas desigualdades no acesso à produção cultural.

¹ UEFS - Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, Bahia, Brasil: E-mail: rbredalima@yahoo.com.br.

Entretenimento: a minoria dos brasileiros frequenta cinema uma vez no ano. Quase todos os brasileiros nunca frequentaram museus ou jamais frequentaram alguma exposição de arte. Mais de 70% dos brasileiros nunca assistiram a um espetáculo de dança. Grande parte dos municípios não possui salas de cinema, teatro, museus e espaços culturais multiuso.

Livros e Bibliotecas: o brasileiro praticamente não tem o hábito de leitura. A maioria dos livros estão concentrados nas mãos de muito poucos. O preço médio do livro de leitura é muito elevado quando se compara com a renda do brasileiro nas classes C/D/E. Muitos municípios brasileiros não têm biblioteca, a maioria destes se localiza no Nordeste, e apenas dois no Sudeste. (Fonte: [Ministério da Cultura](#) – [IBGE](#) - [IPEA](#)).

Sendo assim, não podemos centrar o debate apenas no espaço da escola, mesmo sabendo que a escola ainda é, nos dias atuais, uma das principais agências de letramentos e de oportunidade de acesso ao livro, à leitura e a outras práticas culturais, para uma parcela significativa da população. Devemos reconhecer que a luta pela democratização do acesso aos bens culturais deve extrapolar o ambiente da escola.

Assim, pensar sobre as práticas de leitura que vêm sendo oportunizadas nos espaços das BE ou no interior das escolas, nos remete a tentar entender qual Cultura Escolar temos hoje instituída nos espaços formais de ensino. Essa inquietação surge pelos dados já recolhidos na pesquisa de campo em que apontam números preocupantes, pois do quantitativo de nove (09) escolas presentes na zona rural do município, apenas uma (01) escola mantém a biblioteca em funcionamento e das 67 da zona urbana, apenas 15 escolas conseguem manter aberta as BE.

Segundo Barroso (2016) a cultura escolar pode ser entendida em três perspectivas: funcionalista, estruturalista e a interacionista. Na perspectiva funcionalista, a “cultura escolar” é a Cultura (no seu sentido mais geral) que é veiculada através da escola. A instituição educativa é vista como um simples transmissor de uma Cultura que é definida e produzida exteriormente e que se traduz nos princípios, finalidades e normas que o poder político (social, econômico, religioso) determina como constituindo o substrato do processo educativo e da aculturação das crianças e dos jovens. Na perspectiva estruturalista, a “cultura escolar” é a cultura produzida pela forma escolar de educação, principalmente através da modelização das suas formas e estruturas, seja o plano de estudos, as disciplinas, o modo de organização pedagógica, os meios auxiliares de ensino, etc. Por fim, na perspectiva interacionista, a “cultura escolar” é a cultura organizacional da escola. Neste caso, não falamos da Escola enquanto instituição global, mas sim de cada escola em particular. O que está em causa nesta abordagem é a “cultura” produzida pelos atores organizacionais, nas relações uns com os outros, nas relações com o espaço e nas relações com os saberes.

Tomando as concepções apresentadas por Barroso (s/d) e tecendo uma análise sobre os contextos vivenciados ao longo da pesquisa de campo, é possível afirmar que a cultura escolar instituída na grande maioria das escolas se pauta nas duas primeiras perspectivas, ou seja, presenciamos um ofuscamento ou silenciamento das BE, estas vistas e concebidas como espaços “quaisquer”, espaços sem identidade, sem vida pulsante, sem programação própria. Não presenciamos uma cultura leitora instituída e defendida como projeto da escola. São, em algumas situações, projetos individuais, pontuais.

Um dado recorrente no interior das escolas tem sido o processo de desterritorialização do espaço destinado à BE, pois quando a escola precisa de espaço para agregar novos projetos, seja para atender novas demandas por matrícula ou aderir a novas iniciativas, o primeiro espaço a ser lembrado para destroná-lo é o da BE. Assim, como não há evidenciada uma cultura escolar leitora, boa parte das escolas mantém as BE fechadas. E, desse modo, são poucos os

movimentos e ou enfrentamento pelos sujeitos da escola contra o processo de desapropriação da BE para dar lugar a um novo espaço.

A realidade é que as BE são tratadas como peças que não se encaixam na engrenagem da cultura escolar. Mesmo havendo acervo e, em muitas escolas, espaço físico, não há uma estrutura de funcionamento que assegure a permanência desse espaço aberto. No tocante as condições de funcionamento, não tem sido muito difícil encontrar a BE dividindo suas instalações com cadeiras velhas, caixas de livros que nem foram abertos, violões, livros didáticos amontoados, ou ainda, destinado para atender a determinados projetos e, assim, inviabilizando totalmente o livre acesso dos alunos.

O desafio de formar leitores: de que práticas de leitura falamos

É foco dessa pesquisa a rede estadual de ensino de Feira de Santana, Bahia. O quadro que tem se revelado quando o assunto é o funcionamento das BE e sua articulação com as demais práticas escolares no intuito de formar leitores, é bastante desolador, haja vista as poucas ações encontradas. Entretanto, se é papel social e político da escola formar alunos leitores, então inquieta-me saber quais são as estratégias utilizadas e ou fomentadas na Cultura Escolar dessas instituições na perspectiva dessa formação.

Pesquisas revelam que não basta ter bibliotecas escolares para garantirmos alunos leitores. A presença da BE é fundamental e um direito como defende Candido (1995), mas, um acervo parado, muitas vezes escondido, sem mediação e estratégia de aproximação não tem conseguido seduzir e formar leitores.

No mapeamento realizado por meio das visitas *in lócus* às 76 escolas da rede estadual, o cenário revelado é bastante desanimador. A situação relatada pelos gestores ou coordenadores, é de precária condição de funcionamento no que tange ao aspecto técnico administrativo, pois as poucas escolas que conseguem manter as BEs abertas têm lançando mão de funcionários vinculados a empresas terceirizadas, que, na maioria das vezes, não possuem formação específica para atuar no espaço da biblioteca, logo, acabam assumindo basicamente a função de abrir e fechar a BE, manter o acervo organizado e, em alguns casos, realizar o sistema de empréstimos dos livros. Mas, toda a parte de mobilização e dinamização do acervo existente fica comprometido.

O que existe em muitas escolas são ações e iniciativas individuais e pontuais, mas poucas ações articuladas com a biblioteca. Foi possível identificar professores que visitam a BE, que realizam algum trabalho envolvendo o acervo, que fazem indicações de leitura, mas, de um modo geral não foi encontrado nas escolas visitadas um projeto coletivo, um projeto articulado com foco na formação de leitores. Exceto, a experiência que vem sendo desenvolvida e acompanhada, em uma escola da rede, que tem implementando desde 2014 as Tertúlias Literárias como estratégia formativa tanto entre os professores quanto entre os alunos. A prática dessa atividade vem sendo desenvolvida em vários países, e por diferentes entidades como escolas, associações de mães e pais, ONG's e grupos de mulheres, entidades culturais e educativas como forma de superação de exclusão social pelo diálogo. Não apresenta nenhum obstáculo social ou cultural para a participação, pois é uma atividade gratuita, aberta a todas as pessoas, de diferentes coletivos sociais e culturais, inclusive às pessoas que recém aprenderam a ler (MELLO, 2003).

Não há um único modo de realizar as Tertúlias, sua origem ocorreu em 1978 na Escola de Educação de Pessoas Adultas de La Verneda de Sant-Martí, em Barcelona, Espanha. No caso específico do Colégio Estadual Juiz Jorge Faria Góes, as Tertúlias Literárias são atualmente atividades permanentes no currículo da escola e, para isso, passou por adequações necessárias para as rotinas e práticas da/cultura escolar. A Tertúlia nesta escola vem sendo organizada com apenas uma sessão de debate sobre a obra escolhida. Mas, há todo um processo

preparatório em que o grupo lê, *a priori*, a obra selecionada. A preparação de uma Tertúlia envolve: construção coletiva dos combinados e das regras de funcionamento da sessão; organização visual do ambiente (normalmente a capa da obra vira cartaz, marcadores de livros etc.), preparação da sessão do tema/obra (por professores e alunos); além do lanche coletivo. As vivências das Tertúlias acabam virando pequenos acontecimentos na escola. Mudam-se as rotinas, envolvem outros atores e articulam-se, quando possível, mais de uma disciplina. A realização da Tertúlia modifica a cultura da/na escola, pois há uma produção coletiva, participativa, um entrelaçamento de saberes, de relações e de práticas e assim, a perspectiva interacionista de cultura escolar se materializa, pois gera a constituição de uma identidade singular como preconiza Barroso (s/d).

O colégio implantou desde 2014, as Tertúlias Literárias como um projeto de formação de leitores. A adesão ocorreu primeiramente pela necessidade de maior investimento na formação leitora dos professores. Declara a gestora Flávia Araújo que seu maior desejo é:

Fazer com que a minha escola, os adultos, não as crianças, não os adolescentes. Que os adultos sejam leitores e que disseminem, que façam isso algo perene. Eu não quero só leitura da moda. Eu acho que a gente tem que ter a escola leitora que lê tudo, sempre... Apostar e investir no trabalho com as Tertúlias Literárias revelou uma significativa oportunidade de reaproximar os professores ao gosto pela leitura, pois o maior desafio tem sido encantar os professores para o trabalho com a leitura. (Entrevista/dezembro-2015)

E como defende Petit (2009) não é a simples aproximação com os livros que garante que nos tornemos leitores. É preciso criar estratégias e práticas coletivas de leitura para encantar, seduzir, provocar.

Ensaando uma conclusão

A imersão no campo de pesquisa vem revelando as singularidades da cultura e dos cotidianos escolares, e alguns aspectos têm nos chamando à atenção, posto que a presença de um acervo qualificado não é mais uma realidade distante, fato atribuído às políticas públicas de leitura instituídas desde o final da década de 80 do século XX e que perduram ainda nos dias atuais. O que percebemos é uma tímida cultura escolar de articulação, por parte dos sujeitos que assumem o fazer pedagógico, entre o acervo disponível nas BEs e inúmeras práticas de letramentos socioculturais que podem ser planejadas e vivenciadas cotidianamente.

O cenário revelado parcialmente aponta que é possível traçar perspectivas futuras, mesmo com as condições de funcionamento muito aquém do necessário e do esperado. Há indícios de mudanças na cultura escolar de algumas instituições, sendo assim, o desafio atual é visibilizar às práticas culturais de leitura que ocorrem em espaços escolares como também tecer as denúncias necessárias quando as condições impedem a efetivação de práticas leitoras com intuito de avançar cada vez mais.

Referências

BARROSO, João. Cultura, cultura escolar, cultura de escola. Disponível em: <http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/65262/1/u1_d26_v1_t06.pdf>. Acesso em: 07 jul. 2016.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. 4. Edição da Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil. Disponível em: <http://prolivro.org.br/home/images/2016/Pesquisa_Retratos_da_Leitura_no_Brasil_-_2015.pdf>. Acesso em: 07 jul. 2016.

MELLO, Roseli R. de et al. Tertúlia Literária Dialógica. In.: **Anais do 2º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária**. Belo Horizonte – 12 a 15 de setembro de 2004.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. São Paulo: Editora 34, 2009.